

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

O eleitor, esse volúvel

Cada eleição tem uma marca, uma característica própria. Na última, a municipal de 1996, ficou convencionado que o eleitor fez opções administrativas, premiando as gestões que percebeu como mais eficientes. Esta presidencial de agora pode vir a se firmar como aquela em que o eleitorado exibe um alto grau de mobilidade, reagindo com rapidez aos fatos cotidianos sem que os analistas das diferentes campanhas tenham explicações consistentes e certas para as mudanças.

Por isso mesmo, não se pode dizer que a subida de Fernando Henrique Cardoso registrada em pesquisas que começaram a circular no final de semana tenha sido recebida exatamente com euforia no governo. Quem analisa as coisas friamente de imediato notou que, da mesma forma como Luiz Inácio da Silva foi do inferno à ante-sala do paraíso sem ter produzido um único gesto que justificasse o sucesso, ainda é cedíssimo para dizer que o presidente-candidato reencontrou seu lugar na roda da fortuna.

A velocidade das mudanças é muito grande, o que já permite dizer que o eleitor está absolutamente sensível aos acontecimentos, volúvel, apenas reagindo ao que lhe passa diante dos olhos e não expressando verdadeiramente suas convicções a respeito de seus candidatos. O que evidentemente, nessa altura do campeonato, dificulta qualquer certeza sobre qual será mesmo o voto desse eleitorado em outubro e põe todo mundo a andar sobre o fio da navalha.

Pois se hoje o fato produzido por A for do agrado da platéia, sorte dele. Mas, se amanhã por infelicidade disser algo que soe estranho aos ouvidos da arquibancada, corre o risco de outra vez desabar. Uma frase dita durante uma conversa de aliados governistas na sexta-feira, no momento em que chegavam os números animadores, resume a desconfiança vigente: o efeito dos venenos tem sido muito rápido, da mesma forma como os antídotos também parecem de eficácia veloz.

quais os chamados estrategistas trabalhavam para planejar lances futuros. Por exemplo, no Palácio do Planalto ninguém esperava a queda de FH, mas também não se imaginava que os sinais de recuperação viessem tão rápido. A Copa do Mundo era considerada um fator de amortização das reações do eleitorado o que, pelas previsões governistas, não deveria provocar alterações nos índices até julho.

Nada, se as outras pesquisas acompanharem essa que registra uma frente de sete pontos percentuais para Fernando Henrique, estará comprovando que a sociedade não só continua atenta na política a despeito do futebol como também não abre mão de continuar se movimentando.

E o estranho é que não é um movimento pela negativa, pela indecisão, mas sim pela afirmativa, decidindo só que em outra direção.

Os mais prudentes evitavam comemorar e render homenagens a previsões otimistas. Afinal, a pancada foi forte o suficiente para manter contidas alegrias que podem vir a se revelar precipitadas.

Por isso mesmo, antes de subir de novo em saltos de Carmen Miranda, os donos das mentes mais maduras consideravam melhor esperar para ver como estará a situação na segunda quinzena de agosto. Se se mantiver favorável e sem oscilações inexplicáveis até o meio de setembro, aí sim seria o caso de respirar com certo alívio.

Troca de alvo

Parece consensual no esquema político e de comunicação de Fernando Henrique a convicção de que está na hora de parar de bater em Lula. Começou a baixar ali o medo de que apanhando de todo mundo o candidato do PT acabe firmando a imagem de vítima a ser salva pelo eleitorado de uma perseguição injusta e implacável. Um mártir, enfim.

O que não significa deixar o PT correr livre e solto. Ao contrário, o alvo passaria justamente a ser o partido cuja imagem é de desorganização. Na sexta-feira à noite um integrante do alto comando lembrava um slogan que Paulo Maluf usou numa campanha em que não queria se chocar pessoalmente com Eduardo Suplicy. Ele dizia: "Não tenho nada contra o Suplicy, só não quero é ver o PT mandando aqui."

O mesmo estaria para ocorrer na campanha governista. Não se trata de canonizar Lula, mas, de acordo com essa análise, a satanização de sua figura já teria cumprido esse papel. O negócio agora seria jogar pesado com o partido, suas contradições internas e divergências na Frente de esquerda.

Brizola na cabeça

Nessa linha, a moda entre os governistas ultimamente é dizer que vão escalar Leonel Brizola como cabo eleitoral. Há duas formas de abordagem do assunto. Uma séria, na qual argumenta-se que, em vez de o governo se desgastar atacando Lula, o melhor é deixar o serviço por conta de seu candidato a vice.

A outra, na base da galhofa, junta Brizola aos rebeldes do PMDB que querem impedir o partido de se aliar formalmente a Fernando Henrique para subtrair valiosos e volumosos minutos de seu horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão.

— O ideal mesmo seria que o PMDB cedesse todo o seu tempo para Brizola — ironiza um marqueteiro da campanha.